

cento da safra que nos veio às mãos; e, mesmo entre as aproveitadas, reconhecemos haver algumas de escasso mérito...”

Não somos negadores, somos construtores. As palavras que acabamos de reproduzir são da pessoa que reuniu, classificou e publicou os papéis encontrados, e, dentre esses papéis, há uma comunicação (?) contra o Neodocetismo, a única que já tivemos ensejo de ler. O leitor julgue do valor desse documento em oposição a todos os outros que afirmam essa Doutrina; nós não o queremos julgar, porque seria enveredar pelo tenebroso despenhadeiro das negações e demolições, quando nossa tarefa é construir sómente, deixando que as coisas más desapareçam por si mesmas diante das boas que se construam.

Edifiquemos o bem, embora penosa e lentamente, para que o mal desapareça, mas deixemos a outros a tarefa de demolir. Destruir é fácil e rápido, mas nos põe em afinidade com as trevas e com a violência que conduzem fatalmente aos mais pavorosos abismos. O Espiritismo é Doutrina essencialmente construtiva e não demolidora e, por isso mesmo, é uma grande e poderosa força reformadora pelo método positivo. Efetivamente, as únicas demolições definitivas, para sempre, são as que resultam da construção de formas melhores que vão abolindo as antiquadas e más.

IX

O ABISMO DAS NEGAÇÕES

Cumpre-nos responder a duas objeções contrárias ao Neodocetismo. Resumindo longos escritos, poderemos reduzi-las a poucas palavras. A primeira é a seguinte: “*Não é possível aceitar como de inspiração divina tudo que está na Bíblia. Tanto no Novo quanto no Velho Testamento há erros humanos que não poderiam ser aceitos, porque até se contradizem. Igualmente nas comunicações de Espíritos há mistificações e temos que recusar tudo que achamos falso; portanto, não é verdade que recusando os ensinos recebidos por J. B. Roustaing, quanto à natureza do corpo de Jesus, estejamos minando todo o edifício Judaísmo-Cristianismo-Espiritismo, como afirmam os neodocetistas. Como nenhum espírita aceita tudo nas três Revelações, então, se aceita aquela tese dos neodocetistas, todos os espíritas estariam fazendo tal obra de demolição*”.

Não tem fundamento essa refutação, porque no caso do corpo de Jesus o ensino é eterno e se confirma em todos os tempos. Acha-se no Velho Testamento, é confirmado pelo Novo e vai sendo repetida a confirmação pelas comunicações de Espíritos superiores, através dos

tempos. Não se trata de um pormenor que possa ser atribuído a erro humano, mas de uma verdade sempre repetida e sempre confirmada e que, se negada, infirma toda a construção espiritualista. Nossa tese não se baseia sómente na lógica, mas igualmente na observação dos fatos na França e em outros países. E', pois, verdade que ao despenhar pelo desfiladeiro das negações o homem não pode mais parar. Uma negação exige outra: *Abyssus abyssum invocat.* Começa o homem a negar a natureza do corpo de Jesus, entra a contestar as profecias do Velho Testamento, os relatos do Novo, depois passa a negar as comunicações dos médiums mais respeitáveis e termina negando autoridade aos maiores espíritas que nos precederam, sem o mínimo respeito pelos nomes mais veneráveis.

A consequência lógica de partir em direção errada é esta: ir sempre errado até ao fim. Confirmamos, pois, a tese, de que negar a obra de Roustaing equivale a pôr em perigo a construção toda.

A segunda objeção é de ordem moral e muito elástica. Declararam, baseando-se em sua própria lógica e em seu ponto de vista, que se Jesus só na aparência nasceu, agiu, pregou, viveu e morreu, sem uma encarnação material como os outros homens, teria sido um *mistificador*, um simulador, parecendo o que não era.

E' de uma audácia incrível esse julgamento lançado sobre o Senhor pela curta e estreita inteligência humana e equivale a muitas outras em que o homem atribui erros de Deus à criação e declara que ele teria criado o Universo muito melhor do que Deus o fêz; mas esta objeção só pode surgir, porque o homem não apreende do Plano Divino da criação senão um curto espaço e um tempo limitado, sem ver o passado nem o futuro da Terra e de outros mundos.

Também a atrevida objeção de que Jesus teria sido um simulador é filha da irreflexão, da superficialidade de observação.

Ele não teria respeitado o livre arbítrio dos homens, deixando-lhes a liberdade de aceitar ou não seus ensinos, se revelasse a todos que ele era de uma superioridade infinitamente maior do que a nossa e não podia encarnar-se como nós, mas que formava ou desagregava seu corpo à vontade, isto é, "tomava e deixava a vida e a deixava para a retomar" (João 10:17 e 18), como explicou veladamente. Só aos seus mais íntimos companheiros de missão demonstrou ele a verdade, pelas aparições depois da morte, com o mesmo corpo, retirando-lhes o direito de duvidarem. A estes poucos que já eram Espíritos libertos, que não eram do mundo como ele não era do mundo (João, 17:16), e que tinham sua evolução terrestre concluída, podia ele revelar como revelou toda

a verdade a respeito da sua natureza. Nem eles entenderam completamente o fato. As massas não o poderiam entender, porque lhes faltavam as bases necessárias: conhecimento claro da sobrevivência e da reencarnação. Seriam violentadas a crer nele como um Ser sobrenatural, mas ficariam na mais tremenda confusão. Ele sabia que assim era e ocultou a verdade provisoriamente, até chegar a madureza necessária para que a verdade fosse esclarecida sobre esse como sobre muitos outros pontos. Jesus mesmo declarou que muitas coisas ele ainda não poderia explicar.

Na sua imensa sabedoria, procedeu ele assim, com permissão divina, para melhor cumprimento da sua missão, e os juízes que se atrevem a condená-lo como mistificador ou simulador são da mesma espécie e da mesma categoria dos juízes que condenaram a Sócrates, a Jesus, a Jan Huss, a Joana d'Arc, isto é, julgam superficialmente, partindo de um ponto de vista estreito, com uma concepção inferior e incompleta dos fatos.

Atrevem-se a julgar o que não entendem, porque em seu orgulho não podem admitir a existência de coisas que eles não entendam, não saibam. Dizem que Jesus teria sido um mistificador, mas não explicam o que foi feito do "cadáver" que desapareceu do túmulo selado e reapareceu em plena vida, repetindo que não

era um fantasma, não era um Espírito sem corpo, era ele mesmo tal qual fôra antes da morte. Esta repetição nas conversações com os discípulos, depois do sepultamento, confirmaria o atrevido juízo de que ele estava mistificando, pois que realmente havia sido morto e sepultado e negava que fôsse um Espírito, uma entidade diferente da que fôra antes da crucificação. Portanto, a mistificação ficaria de pé, mesmo admitido que sua encarnação houvesse sido como as nossas, porque nesta hipótese o seu reaparecimento seria como Espírito materializado.

Mas não temos ciência nem direito para julgar e condenar a um Espírito da elevação de Jesus, cujos desígnios não estão ao nosso alcance e cuja missão, em grande parte, ainda não entendemos. E' uma tremenda blasfêmia pronunciarem as palavras "simulador", "mistificador" aplicadas a Jesus, mesmo no condicional: seria um mistificador ou simulador se houvesse praticado tais atos sómente em apariência, dando a convicção de que os praticava na realidade material. Pois que a blasfêmia continuaria de pé pelo menos quanto às cenas posteriores ao sepultamento. Aí já não haveria condicional: ele realmente reapareceu com o mesmo corpo e declarou que era ele mesmo.

Como sairiam da dificuldade os negadores? Mui simplesmente, negando de novo: negando

que o corpo desapareceu do sepulcro, negando que nas aparições tinha ele o mesmo corpo e atribuindo aos discípulos haverem representado a farsa de furtar o corpo e escondê-lo para propalar a notícia da ressurreição. Veja-se a quantas negações conduz uma negação inicial! E' um despenhadeiro que vai até ao fundo do abismo. O caminho das negações é o que de mais terrível o homem pode tomar.

Nada valem as duas objeções, e aceitá-las seria lançar-se pelo abismo sem fundo das negações que levam a alma à dúvida, à esterilidade, ao sofrimento inútil.

Nada existe contra o Neodocetismo, senão palavras, palavras, palavras e palavras de pessoas que nenhuma autoridade ou credenciais têm para falar em nome da Doutrina e como defensores de Kardec, como se intitulam. Examinemos por um momento esse aspecto calunioso de tal campanha que já existe há meio século. Dizem-se defensores de Allan Kardec contra a Federação Espírita Brasileira que divulga no Brasil a obra de Roustaing; no entanto, nenhum deles, nesse meio século, traduziu ou publicou um simples artigo de Kardec no país. Só lhe conhecem os livros através da obra da Federação que os divulga em grande escala, ininterruptamente, pelo país todo e em Portugal, em distribuição gratuita ou a preços de propaganda, em tiragens enormes, como não

se faz de nenhuma outra obra doutrinária no Brasil.

Com que autoridade, pois, movem tal campanha esses nossos irmãos?

Além de não divulgarem Kardec e atacarem a Federação que o divulga, nenhum deles até hoje, neste longo meio século, produziu um só livro doutrinário de valor, como fizeram as pessoas que são por eles acusadas, os nossos venerandos mestres, Bezerra de Menezes, Bitencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão, Leopoldo Cirne, Guillon Ribeiro, e os grandes médiuns, cujas obras já estão consagradas em todo o mundo de língua portuguesa e vão sendo cada dia mais aceitas pelos espíritas.

Nas suas supostas defesas de Kardec e da Doutrina, nada mais têm feito senão evidenciarem a superficialidade dos seus conhecimentos. Um deles chegou a afirmar que Kardec "dedicou toda a sua vida aos estudos da Doutrina", quando qualquer principiante de Espiritismo poderia ensinar-lhe que o Codificador só conheceu o Espiritismo aos cinquenta anos de idade; outro, pesa-nos dizer-lhe, numa linguagem enfática, ao citar um trecho do Evangelho de João, chama-lhe João Batista!

Há meio século combatem a Federação. Há um quarto de século convocaram um Congresso Espírita Nacional para liquidar a Federação e ocupar-lhe a posição na direção do movimento

espírita brasileiro, mas até hoje não cogitaram sequer de auxiliar a distribuição das obras de Kardec, não publicaram mesmo nenhum livro de divulgação doutrinária, construtiva.

Se contra a obra de Roustaing não apresentarem alguma coisa mais sólida do que o fizeram até agora, continuaremos em nossa firme convicção de que Roustaing é inatacável e completa admiravelmente o trabalho de Kardec.

E, graças a Deus, é assim; tanto é assim que os maiores espíritas brasileiros, os de mais autoridade pelo saber e pelas virtudes, ensinam e propagam há mais de 60 anos, conjuntamente, Kardec e Roustaing. E' essa a orientação traçada pelos fundadores da Federação e nenhuma Diretoria até hoje se afastou dessa linha de propaganda simultânea de Kardec e Roustaing.

Que Deus nos conceda sempre a mesma firmeza que tiveram os nossos grandes antepassados para não nos desviarmos dessa linha de conduta que nos tem granjeado a Alta Proteção dos Espíritos Superiores e, apesar de tudo que digam em contrário, a Federação levará Kardec e Roustaing ao mundo todo: aos países que os desconhecem e aos povos que os esqueceram. E' essa a grande missão da Casa de Ismael para os próximos cinquenta anos e já está iniciada.

X

AONDE NOS LEVARIAM AS TRANSIGÊNCIAS

O argumento dos "pacifistas", que devemos agora examinar, é redigido assim:

"A Federação Espírita Brasileira, por amor à concórdia da família espirita nacional, deveria desistir de divulgar a obra de J. B. Roustaing, porque há muitos espíritas que não aceitam aquela obra e, portanto, ficam em divergência com a Casa Máter; torna-se impossível reunirem-se todos os nossos confrades em torno do lábaro de Ismael e, por isso, a Federação não teve o desenvolvimento que deveria ter em seus 64 anos de existência. Se a Federação abrir mão de "Os Quatro Evangelhos", todos nos reuniremos nela e o Espiritismo no Brasil será uma grande força."

E' o argumento da transigência doutrinária: devemos transigir nos pontos em que há divergência, para que reine paz e haja colaboração harmônica, pensam esses nossos irmãos. Vamos examinar com amor, calma e serenidade esse argumento e ver até onde nos conduziria tal raciocínio de aparência tão inocente e pura; se é, portanto, aceitável tal modo de pensar e se os Diretores da Federação erraram em não tê-lo posto em prática nos 64 anos decorridos,